

DÓCIL AO TRANS

por Jacques-Alain Miller

A tempestade desabou. A crise trans está sobre nós. Os trans estão em transe (façamo-la de uma vez, ela era esperada), enquanto entre os psi pro-trans e anti-trans, digladiam-se com entusiasmo os partidários do lado pequeno ou do lado grande do ovo em *Gulliver*.

Estou brincando.

Justamente, que indecência brincar, rir e zombar, quando os desafios dessa guerra de ideias são os mais sérios quanto possível, e que se trata nada menos do que de nossa civilização e de seu famoso mal-estar, ou desconforto, diagnosticado por Freud no comecinho dos anos 30 do século passado. Convém a um assunto tão grave o modo satírico? Certamente não. Então me retrato. Não acontecerá de novo.

Escrevi “guerra de ideias”. Este é o título do último livro de Eugénie Bastié. Ele me veio de modo inesperado. Não creio que encontremos ali nem uma vez a palavra “trans”. A obra termina com a atualidade do feminismo radical e da guerra dos sexos. Considerando que esta jovem e bela mãe de família é também a mais inteligente dos jornalistas, seguramente o desencadeamento da crise francesa dos trans é posterior à escrita dessa obra. Encontremos a data de lançamento nas livrarias e saberemos que, três meses antes, essa crise ainda não era perceptível a um olhar midiático tão agudo quanto o de Eugénie B.

Vejamos. Encomendei na Amazon *La guerre des idées. Enquête au cœur de l'intelligentsia française [A guerra das ideias. Investigação no cerne da intelligentsia francesa]* e me foi entregue em 11 de março. Portanto, no início deste ano, o trans ainda não havia entrado nisto que a autora¹ chama de “debate público”.

Era invisível, ou *invisibilizado*, para empregar um termo caro aos *decoloniais* e outros *wokes*. Ou então, talvez não fôssemos autores, autoras [*auteurs, auteures, autrices*], mas avestruzes [*autruches*]?

¹ N.T. No original estão: *auteur, auteure, autrice*. Em francês, a forma padrão da norma culta para autoria é o masculino (o que não ocorre em português); as formas *auteure* e *autrice* são feminizações de *auteur*.

Mais um trocadilho! Eu sou relapso! Incorrigível! Faço *mea culpa*. Mas com circunstâncias atenuantes: uma infância difícil, uma adição ao significante, influências perniciosas. Não conseguiria ir mais longe na questão trans sem apresentar meu caso.

O apelo em causa própria

Desde muito pequeno eu gostava de brincar com e sobre os nomes e as palavras. Por exemplo, Gérard, meu irmão caçula, eu o chamava de Géraldine. Ele não se tornou trans por causa disso, e hoje ostenta sua barba em todas as televisões. Desde muito jovem me dediquei à leitura, e quais foram meus primeiros livros favoritos? A *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne, e *O escaravelho de ouro*, de Edgar Poe, duas histórias de mensagem secreta a ser decifrada. Adorei as listas de Rabelais, as farsas de Molière, as palhaçadas de Voltaire, as ladainhas de Hugo, os disparates de Alphonse Allais (não a “filosofia do absurdo” de Camus), *Os subterrâneos do Vaticano*, de Gide (não *Os frutos da terra*), o “cadáver esquisito” dos surrealistas, os “exercícios de estilo” de Queneau e companhia.

Quando aprendi latim, li os clássicos, tinha que ser, mas gostava secretamente das sátiras de Juvenal. Como não era um helenista (meu pai exigiu que aprendesse o espanhol “tão difundido pelo mundo”), só lia Lucien de Samosate em francês. Nunca perdia, em *Le Canard enchaîné*, os jogos de permutação de sons [*contre-pétries*] de “L’Album de la Comtesse”. Muito precocemente li o livro de Freud sobre o *Witz*.

Portanto, eu não era muito inclinado ao clima de seriedade. Não respeitava ninguém, nem os grandes escritores, os grandes filósofos, os grandes artistas, os grandes gerreiros e homens de Estado, ou mesmo personalidades de Estado, os poetas e os matemáticos. Como Stendhal, até havia concebido “entusiasmo” pelas matemáticas, talvez também tivesse “meu horror à hipocrisia”.

Depois, aos vinte anos, tive a infelicidade de cair nas malhas de um médico, psiquiatra e psicanalista de 63 anos, conhecido como lobo branco por ser uma ovelha negra. Ao longo do tempo ele se tornou uma ovelha negra (transição!). Ele morava em um porão escuro com teto muito baixo, uma toca, um verdadeiro antro, em um prédio do 7º arrondissement, onde vivera o banqueiro de Isidore Ducasse, o que faz com que seja o único lugar de Paris que, com certeza, recebeu a visita de Lautréamont. O Dr. Lacan, pois é dele que falo, dava muita importância ao fato. Ele me disse isso na primeira vez que me

recebeu em seu consultório, cuja exiguidade impossibilitava qualquer “distanciamento social” entre os corpos, forçando uma proximidade opressora.

Esse personagem irregular, fora do padrão, não escondia o jogo. Meu horror stendhaliano pela hipocrisia não encontrava nada a criticar nele. Era um diabo de cara limpa, que debochava ostensivamente de tudo, entenda-se: de tudo que não era ele e não era sua causa. Na era da benevolência, ele não se incomodava de dizer em seu Seminário: “Não tenho boas intenções”. A única vez em que falou na televisão francesa, em um horário de grande audiência, ele disse, falando do analista como de um santo: “(...) lixar-se para a justiça distributiva é, muitas vezes, de onde ele partiu” (OE, p.519) Ele era ousado a ponto de se vangloriar em público, pouco antes de sua morte, de ter passado sua vida a “ser Outro apesar da lei”. Cúmulo do infortúnio para mim, não só ele me abrigou sob sua asa, asa negra, asa demoníaca, mas me tornei seu parente: ele me concedeu a mão de uma de suas filhas, aquela que tinha, justamente, a beleza do diabo, a quem dera o nome de Judith, também ali jogando as cartas na mesa: o homem que gozaria dela devia saber que pagaria por isto com um destino digno de Holofernes.

Como ele me pegou? Colocando nas minhas mãos *Os fundamentos da aritmética*, de Gottlob Frege, *Die Grunlagen der Arithmetik*, 1884, elaboração logicista do conceito do número (segundo ele, a aritmética tinha por base a lógica). Ele mesmo, Lacan, se esforçara três anos antes a demonstrar aos seus *followers* a similitude que existia entre a gênese dinâmica da série de inteiros naturais (0, 1, 2, 3 etc.) em Frege e o desdobramento do que ele mesmo chamava de cadeia significante. “Eles só dificultaram à toa – disse-me – vejamos se você fará melhor”. Minha apresentação simplória me valeu um triunfo entre os psicanalistas, seus discípulos, e ao mesmo tempo suscitou ciúmes por parte deles: “Mas como ele fez? E pensar que sequer está em análise!” E eu ainda nem era “o genro”, ainda que um discreto idílio se tivesse estabelecido entre Judith e eu.

Philippe Sollers, príncipe das Letras que começava a seguir o Seminário de Lacan, “charmoso, jovem, arrastando todos os corações para si”, pediu meu texto para sua revista *Tel Quel*. Tive a coragem de recusar, querendo reservá-lo ao primeiro número mimeografado na *École Normale*, dos *Cahiers pour l'analyse*, que acabara de fundar com três colegas: Grosrichard, Milner e Regnault. Um quarto, em contrapartida, Bouveresse, membro do mesmo Círculo de epistemologia, vinte anos mais tarde ainda fulminava, ao tornar-se professor do Collège de France, contra o topete que eu tivera de *lacanizar* o

sacrossanto Frege dos lógicos. Derrida, quanto a ele, meu *caïman* (tutor) de filosofia, fez beicinho: ele julgava minha demonstração abstrusa (ele era pouco entendido em lógica matemática). Curiosamente, por caminhos que ignoro, minha pequena apresentação, intitulada “A sutura”, tornou-se nos Estados Unidos um clássico dos estudos cinematográficos (?).

Assim caminhava o mundo quando o estruturalismo severo de Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss passava ao estado de epidemia intelectual em Paris e seu entorno. O episódio aumentou a minha reputação, a de um génio precoce dos estudos lacanianos. Fui marcado para sempre como uma borboleta no álbum da intelligentsia parisiense: *Papilio lacanor perinde ac cadaver*. Era assim que eu me encontrava à mercê de Jacques Marie Emile Lacan, grande pescador de homens perante o Senhor.

Cinquenta anos depois dos fatos, é hora de *Metoo*, eu passar às confissões. *Horresco referens*, é horrível dizer, mas fui, durante anos, vítima de meu sogro, de incessantes e inomináveis abusos de autoridade, tanto públicos quanto privados, constitutivos de um verdadeiro delito de incesto moral e espiritual. Cedia a algo mais forte que eu. Consenti mesmo – que vergonha! Como diria Adèle Haenel – em extrair disto um certo prazer, um prazer certo. Permaneci dividido para sempre.

Tendo o monstro batido as botas há quarenta anos, os processos que iniciarei terão apenas um alcance simbólico, mas como serão decisivos para tratar as feridas da alma e reparar os danos causados à minha autoestima.

Reservo às autoridades judiciais os detalhes do testemunho que trago. Mas quero que saibam: assim como era o pó que compunha quem falava pela boca de Saint-Just, enfrentando a perseguição e a morte, não esqueça o leitor que é *a proud victim*, uma vítima orgulhosa, que fala pela minha. “Mas desafio que me arranquem esta vida independente que deu nos séculos e nos céus”.

Voltemos aos nossos trans. São vítimas. Como eu.

A revolta dos trans

É preciso crer que os dirigentes atuais da Escola da Causa Freudiana, que outrora foi levada por mim e pelos meus às fontes batismais antes de ser adotada por Lacan, tinham

um bom faro, pois convidaram a tomar a palavra nas Jornadas anuais de 2019 da Escola, no Grande Anfiteatro do Palais des Congrès em Paris, o famoso trans Paul B. Preciado, coqueluche das mídias *woke*, o qual aceitou de bom grado.

Por que esse convite inédito que sobressaltou o meio psi? A crise trans não havia eclodido ainda, mais era previsível. De fato, olhando as coisas de cima, acompanhando a longo prazo o processo que culminou na revolta dos trans hoje, na França, o que vemos?

Digamos rapidamente. É preciso lembrar-se que os enfermos, nossos pacientes, todo esse povo em sofrimento que se apresentava para ser *tratados* [pris en charge] por *cuidadores* [soignants] – quaisquer que fossem: enfermeiros, médicos, farmacêuticos, cirurgiões, dentistas, acupunturistas, quiropratas, fisioterapeutas, psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas, até os psicopompos, sem contar os curandeiros, videntes, feiticeiras, tão profundamente examinados outrora por uma Jeanne Favret-Saada, então lacaniana, em um estudo memorável, os marabutos, pajés, exorcistas etc., sem nos esquecermos de nós, *not least*, os psicanalistas, lacanianos e outros – essa massa, portanto, de *demandantes* de cuidados havia permanecido perplexa durante milênios diante do “saber-poder” (Foucault) dos dispensadores de cuidados. Ela só tinha direito de se calar, exceto com os psi, claro, e outros charlatães de toda espécie.

Um novo paradigma fez sua aparição depois da Segunda Guerra mundial. Sussurraram a esses dominados, dia após dia, ano após ano, governos de esquerda, governos de direita, governos de centro: “Falem! Não deixem pra lá! Vocês têm direitos. Por estarem doentes, vocês não são menos cidadãos. Façam como todo mundo: queixem-se! Reivindiquem! Peçam seu dinheiro de volta! Sejam reembolsados! Exijam compensação! Acabou a *ditadura sanitária!* Deem lugar à *democracia sanitária!*”

« O que vocês acham que aconteceu? »

O que vocês acham que aconteceu? O povo obedeceu: ele se revoltou. Os “trans” e seus aliados receberam perfeitamente a mensagem, e agora a levam às últimas consequências. Frequentemente, para se rebelar, é preciso haver um encorajamento, até mesmo uma injunção vinda de cima, do quartel general supremo. Por exemplo: a Revolução cultural chinesa. Foram as diretivas do presidente Mao que fizeram com que se formassem,

através do imenso país, os bandos de Guardas Vermelhos que levaram o bazar para toda a sociedade.

Na França, os poderes públicos fizeram o possível para, de todo coração, destruir ao antigo “sujeito suposto saber” que regia a ordem médica. O que aconteceu? O S³ (ao cubo) encontra-se capturado, desmonetizado, lacerado, torcido, torturado, colocado de joelhos, usando um chapéu de burro, arrastado pelas ruas, alvo de piadas, jogado pela janela. Ele cai como Humpty Dumpty ao pé do muro por trás do qual estavam encurraladas as populações sofredoras, e aí está Humpty em mil pedaços. O muro, por sua vez, desaba. Os prisioneiros fogem. Por todo lado é a Noite de 4 de agosto, o fim do privilégio médico e de cuidados. E a ordem explodiu! – A ordem que outrora, e ainda recentemente, penosamente, prevalecia nos assuntos de pegação.

Humpty Dumpty em seu muro

*Humpty Dumpty sat on a wall.
Humpty Dumpty had a great fall.
All the king's horses and all the king's men
Couldn't put Humpty Dumpty together again.*

*“Humpty Dumpty num muro se aboletou,
Humpty Dumpty lá de cima despencou.
Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar
Não conseguiram de novo lá para cima o içar.”²*

O respeito e a gentileza

Nos assuntos de pegação, ou seja, no campo da sexualidade, se vocês preferem falar Gourmet, é uma zona. Tudo agora está de cabeça para baixo. Butler e suas bacantes bagunçaram tudo ali, não é possível. Cozinhei Eric Marty por umas boas três horas e não cheguei ao desfecho dos mistérios do *gender*. Os Mistérios de Pompeia são fichinha perto disto. Em suma, eles se resumem a: “O falo, eu vos digo”; “Falo, tu guiarás nossos passos”, como fez Zimmerwald no passado. Mas gênero? Não precisa de bússola. Todo mundo perde o norte. Não sendo mais tolas [dupes] de nada, as pessoas erram [errent]. É a noite

² CARROLL, Lewis. *Alice – Edição Comentada*. Notas de Martin Gardner. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1. ed. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 200.

em que todos os gatos são pardos, como no Absoluto de Schelling, ridicularizado por Hegel. Isto não impede que todo mundo fale disso. Todo mundo tem sua ideia a respeito. O gênero agora é uma evidência do “sujeito contemporâneo”.

Meu neto, o último dos Miller, o mais jovem herdeiro do nome, 16 anos, ativista ambiental, apaixonado por física matemática e pelo *Em busca do tempo perdido* me deu uma palestra sobre o *gender*. Ele tem um colega trans na escola. Há meio século atrás eu estava no mesmo Liceu, com a mesma idade, e não havia trans entre nós, no máximo um ou dois dândis um pouco andróginos nas bordas, a se *dandescer* [*dandy-naient*] para a alegria da plateia. Estávamos entre meninos. Não havia meninas nem trans. Minha turma ainda usava uniforme até a quinta-série do ensino fundamental. Escrevíamos com uma pluma modelo Sergent-Major, a caneta esferográfica era proibida. Era a idade média.

O neto: “Você não deve dizer, Jacques-Alain, que ele *virou* menina. É vexatório pra ele. Não, ele é uma menina. – E quando o seu grande amigo, tão elegante, diz que é uma menina, o que você faz? – Eu acolho o que me diz com respeito e gentileza”. Fecha a manifestação. “*No pasaran?*” Eles e elas *han pasado*, passaram. “*E pur si muove!*” (a frase é apócrifa), o que significa: em detrimento de todas as inquisições, de todas as demonstrações, o *gender*, a coisa se movimenta! Uma gata não encontra seus filhotes aí? Não tem problema. Quanto menos claro, melhor funciona, justamente. E isto arrasta tudo na sua passagem.

MGTOW

A política nacional de saúde, desde 1945, abriu caminho para a revolta dos trans. Uma cronologia precisa ser reconstituída, etapa por etapa. Antes de discutir as causas do acontecimento, sobretudo não descartemos os fatos – diferentemente de Jean-Jacques em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Este é o escrito que, acredito, mais reli na minha adolescência, entre os 14 e os 18 anos. Esse título reemergiu durante minha análise, em um sonho, sob a forma: “...da desigualdade entre os homens e as mulheres”. O inconsciente havia me interpretado. Ocasão, para o analisante eu era, de um riso inextinguível, seguido do reconhecimento, por ele, de um machismo dissimulado por trás do preconceito da mãe. Na minha infância, com efeito, quando meu pai *fazia chorar a minha mãe*, que sofria com seu dom-juanismo compulsivo – que ele

conservou, como Swann, até a morte, aos 93 anos – eu me inclinava decididamente do lado dela, eu era o pequeno Cavaleiro Branco da mamãe.

A fantasia cavalheiresca no homem foi desde então fixada e classificada. *White Knight* se tornou ultimamente, do outro lado do Atlântico, uma expressão que serve para estigmatizar os salvadores de mulheres em perigo e todos aqueles que se declaram partidários da *gender equality* para, secretamente, ceder todos os privilégios ao sexo frágil. Não são clínicos que isolaram o fenômeno, mas ativistas masculinos, defensores de uma virilidade ameaçada, acreditam, pelo avanço do feminismo. Eles estão reagrupados no movimento masculinista MGTOW, for *Men Going Their Own Way* – aproximadamente: “Homens que seguem seu próprio caminho”.

A palavra *Way* tem todo o seu peso. Lembramo-nos do crooner Sinatra sussurrando *My way*. Há também a expressão idiomática americana, “*My way or the Highway*”. Traduz-se: “É pegar ou largar”, “Faça o que diz, ou cai fora” etc. A expressão deu seu título à canção de um grupo dito de *pimp-rock* [rock dos gigolôs]. MGTOW é de certo modo o Tao dos machos.

O grupo dos gigolôs se chama *Limp Bizkit* e descobro, pesquisando no Google, que esse nome é uma deformação de *Limp Biscuit*, ou seja, “Biscoito macio”. Altamente sugestivo. Ter o biscoito mole significa, sem dúvida, para um gigolô, o horror, o desemprego, a vergonha. Essa nomenclatura é, portanto, apotropaica: conjura-se a maldição do simples fato de assumir isto *with pride*. É o que os homos fizeram com o insulto “*queer*”.

Tem mais : consultando o *The Urban Dictionary*, cuja leitura me é sempre um mais-degozar em razão da extraordinária inventividade do jargão de rua nos Estados Unidos, encontrei a expressão *Penis biscuit*, que designa uma certa prática envolvendo o prepúcio. Vejam por si mesmos, pois, como se fazia no passado a fim de velar as obscenidades, eu não poderia reproduzir a definição sem traduzi-la para o latim, e meu Khâgne estando muito longe, já não tenho à disposição o vocabulário necessário.

Assim, basta seguir na internet a url mgtow.com, site encarregado de divulgar a filosofia do movimento e suas principais atividades, para verificar que desenvolve bem, como diz Wikipédia, uma ideologia misógina, antifeminista e odiosa. Ainda não temos um equivalente disto na França.

Não vejo outro discurso além do de um Zemmour, que poderia passar, rigorosamente, pelo prenúncio de um movimento desses, ou ainda pela expressão de um desejo de que

ele exista. Mas o polemista francês continua sendo um masculinista tímido, que está longe de manifestar, em relação às mulheres, a repugnância - bastante argumentada, diga-se de passagem - que ele dirige às minorias de cor que, aos seus olhos, infestam o país e o conduzem à ruína. Ele vê nos franceses muçulmanos os futuros dominantes, e faz tremer a maioria dos *Kufar* ao predizer que ela se tornará inexoravelmente minoritária. O que é delicado, é que sua retórica está calcada na dos decoloniais, pessoas do gênero e *woke*, que ele vota ao descrédito. Ele se contenta em invertê-la. É a época que quer isto: a mesma estrutura de pensamento se impõe a todos, a vocês, a mim. É o espírito do tempo, o *Zeitgeist*.

O axioma da supremacia

Se me detenho no MGTOW, pois se vê em obra nesse movimento, meio a descoberto, vários axiomas constitutivos do *paradigma shift* dos novos tempos. O termo é de Kuhn, a ideia deve muito a Foucault, que por sua vez deve a Koyré, e não remonto a mais longe. Qual é a noção inicial dessa mudança de paradigma? Digamos, por hipótese, que é a injustiça distributiva. Essa noção bastante antiga adquire aqui a forma do que eu chamaria de axioma de supremacia. Entende-se que a sociedade está estruturada de cabo a rabo por essa matriz de dominação, sendo esta uma relação assimétrica entre dois poderes de sinal oposto (binarismo!). Com MGTOW, não são os capitalistas e os proletários, nem as elites e o povo, nem os francos e os gauleses, seja o que for, são pura e simplesmente as mulheres e os homens.

Segundo MGTOW, com efeito, são as mulheres que dominam a sociedade. Esta giraria em exclusivamente em proveito próprio, em detrimento dos homens. Elas têm, atrelados ao corpo, o desejo e a intenção de lidibriar, espoliar e castrar os homens (Lacan, convenhamos, algumas vezes foi nesse sentido, mas shh! Não vou lançar isto sem muita cautela).

A partir do momento em que se decide enumerá-las, as provas da supremacia feminina são inúmeras: por ocasião dos divórcios ou separações, os tribunais costumam favorecer o segundo sexo; sobre a fé concedida de olhos fechados à fala feminina, os homens se vêem acusados, sem provas, de assédios, incestos e estupros, uma vez que não há ninguém para redimir a inocência masculina ultrajada. Tudo conspira para depreciar, ridicularizar e perseguir os valores viris.

Entre nós, um Alain Juppé – o bem nomeado por antífrase – padeceu durante anos por haver clamado, no passado, quando era primeiro-ministro: “Eu tenho a consciência limpa” [*Je suis droit dans mes botes*³]. Tive a oportunidade de lhe dizer um dia, pessoalmente em seu escritório na prefeitura de Bordeaux – onde eu vinha lhe pedir ajuda para enfrentar os compromissos de uma hierarquia de seu partido que via no fato de que não havia diploma do Estado para a psicanálise um “vazio jurídico” a ser preenchido – e a época não permitia mais a um homem político orgulhar-se de si, falando ‘de suas botas’ e de sua posição “ereta” como um falo erigido, quando o Nome-do-Pai há muito já havia perdido o cartaz em nossas sociedades para se ver substituído pelo Desejo da Mãe. Alguns anos mais tarde, o psicanalista-jornalista Michel Schneider, ainda que anti-laciano raivoso, batizaria isto, de modo excelente, com um nome orwelliano, pelo significante metafórico: *Big Mother*.

Em Macron, a França devia eleger há quatro anos um filhinho de mamãe da mais pura fonte, casado muito claramente além do Édipo.

O axioma de separação

Isto significa que, de agora em diante, tudo será benevolência, doçura, ternura, em resumo, *care*? Essa palavra em inglês que se traduz por ‘cuidado’ engloba prudência, *awareness*, tomar consciência das coisas, dar-se conta, a atenção dada à execução de uma tarefa, fornecer a um ser vivo os meios de se perpetuar nesta condição etc.

Isto existiu. Pensemos na “revolução de veludo” de 1989, na Tchecoslováquia, a *sametová revoluce*. Ou ainda na saída tranquila do apartheid na África do Sul, que valeu a Nelson Mandela e ao líder da minoria branca antigamente dominante, Frederik De Klerk, o Prêmio Nobel da Paz, recebido conjuntamente em 1993. Para remontar a mais longe no tempo, o movimento americano dos direitos cívicos nos anos 60 tinha como canto de guerra o *protest song* *Wes hall Overcome, Nós triunfaremos*, mas sua inspiração não era menos não-violenta, humanista e universalista, conforme afirmava o *negro spiritual* *Kumbaya, my Lord*, apelo a Deus para que retorne (Kumbaya é uma deformação de *come back*) para ajudar os interessados, responder às suas necessidades, em suma, *take care*.

Isto existiu, mas era antes do *paradigma shift*. A partir de então se impôs, irresistivelmente, o segundo axioma, que eu diria de separação. O que ele diz? Ele estipula

³ N.T. A tradução literal seria: “Estou ereto nas minhas botas”. A expressão original foi mantida na sequência, para que o leitor perceba a conexão que o autor faz em seguida.

coisas como estas: “Tu não terás relações amenas com a parte contrária. Tu seguirás o teu caminho. Tu não pactuarás. Tu cuidarás como de ti mesmo, não de teu próximo, mas de teu semelhante. Tu fugirás do outro como de Satã. Quem se assemelha, se agrupa. Que não entre aqui nenhum que se dissimule”.

Se eu quisesse agradar meus amigos argentinos, diria que se trata do axioma Peron. Com efeito, entre os grandes princípios enunciados pelo esposo de Evita, havia este: “*No hay nada mejor para un peronista que otro peronista.*” Que nome próprio poderia ser atribuído ao axioma da supremacia? Nenhum nome de marxistas. Não este poderia ser o axioma de Gobineau.

Sob a influência do axioma de separação, muitos membros do MGTOW chegam até a se abster que qualquer troca sexual com o sexo oposto, a fim de evitar se expor aos incômodos reservados àqueles que colaboram com o inimigo, em particular essas alegações mentirosas com as quais estão familiarizadas as megeras de #*MeToo*.

O *Gênio lésbico* de Alice Coffin, que amordaçou quase toda a opinião esclarecida do país no outono passado, não passa do MGTOW invertido: FGTOW, de certo modo. Nada além de muito clássico.

*Bientôt, se retirant dans un hideux royaume,
La Femme aura Gomorrhe et l’Homme aura Sodome,
Et, se jetant, de loin, un regard irrité,
Les deux sexes mourront chacun de leur côté.*⁴

Vigny já possuía, a seu modo, esse conceito do “monossexual” em que Foucault, nos últimos anos de vida, depositava todas as suas esperanças de felicidade, e de onde tirava sua alegria de viver, conforme demonstrado por Eric Marty em *Le Sexe des Modernes*. Coffin teve o mérito de emprestar sua voz ao que se tem sussurrado desde tempos imemoriais nos mais respeitáveis e melhor estabelecidos círculos lésbicos. O novo, é que essas afirmações, outrora murmuradas nos ouvidos das namoradas, agora são vociferadas em público e em todas as ondas as frequências. Por que essa nova tolerância à intolerância? Porque vivemos sob o regime do axioma de separação.

⁴ Logo, se retirando a um horrível reinado / A mulher terá Gomorra e o homem terá Sodoma / E, lançando de longe um olhar irritado / Os dois sexos morrerão, cada um de seu lado.

E quando Tartufo e Tartufa clamam, denunciam o atentado: “Meu deus, poupem-nos dos gostos repugnantes dessas sapatonas!, o que responder-lhes, senão: “Muda de canal, T e T, vaza! Se estão enjojados, fiquem entre vocês!”

Valerie Solanas já havia dito tudo desde 1967, no Manifesto SCUM: “A ‘vida’ nessa ‘sociedade’ sendo, na melhor das hipóteses, terrivelmente aborrecida, e nenhum aspecto da ‘sociedade’ não sendo pertinente para as mulheres, só resta às mulheres engajadas, responsáveis e aventureiras, a possibilidade de derrubar o governo, eliminar o sistema monetário, instituir a automatização total e eliminar o sexo masculino”. E bang-bang-bang! Deu três tiros de revólver em Andy Warhol, coitado. Ele quase passou desta para outra, e viveu sua vida aterrorizado por Solanas. Ela cumpriu, após uma avaliação psiquiátrica, três anos de prisão. Morreu em São Francisco em 1988. Nessa mesma cidade, sua peça de teatro, cujo manuscrito ela havia entregado a Warhol, *Up your ass*, ou seja *Enfia no cu*, foi encenada pela primeira vez em 2000. Segundo *Village Voice*, ela havia jurado eliminar todos os homens da face da Terra. Norman Mailer a chamava de Robespierre do feminismo (cf. Wikipédia).

Nesse estágio, Solanas ou MGTOW, as coisas ainda são simples. É a guerra dos sexos, conhecida desde o primórdio dos tempos, apenas ardente, com tiros de bala reais (ainda não há relatos de assassinatos cometidos por MGTOW, isto não vai demorar).

Esta incandescência reflete a ascensão avassaladora, na época, do desejo de segregação, só para nomear. Para parodiar Sully, o suprematismo e o separatismo são as duas tetas da segregação. Ela nos leva em sua onda, todas e todos quanto somos, os pró, os contra, os neutros, a direita, a esquerda e o resto.

Um frisson novo

Hugo escreveu, de Baudelaire para Baudelaire, que ele havia criado “um frisson novo”. É isto. Com a entrada em cena do trans, personagem muitas vezes cheio de cores em nossa comédia humana (o trans em Balzac? Claro, na figura do andrógino, Séraphitus-Séraphita), um frisson novo passa à civilização.

O que o trans nos traz é perturbação. Não perturbação no gênero, intrinsecamente confuso, mas turbulência, polvorosa na guerra imemorial dos sexos.

Antes do trans, o monstro era o hermafrodita. Este também perturbava a ordem pública sexual. Mas o hermafroditismo é apenas um assunto de órgãos. Um hermafrodita é um

caso biológico, o que é raro. A androginia, em contrapartida, é uma criatura de mito, um assunto de *look* e de *lifestyle*. Um andrógino é alguém cuja aparência não lhes permite determinar a qual sexo pertence. Já era assim na Grécia antiga ou em Roma: vejam, de Luc Brisson, *Le sexe incertain*. Um transtorno de identidade sexual não é assim. O trans, é ainda outra coisa.

A prosopopeia do trans

Como Voltaire, Foucault gostava de brincar de ventríloquo. Em seus livros, de bom grado ele dava a palavra a interlocutores, oponentes fictícios. Inventava argumentos para eles, compunha seus discursos, em seguida abandonava a voz forjada para eles para retomar sua voz a fim de responder em nome próprio às suas marionetes. Ele usava esse procedimento, se minha memória é boa, desde o final de *História da loucura*. Pois um militante trans de hoje – redator, por exemplo, de um desses sites tão bem feitos que florescem na internet há dois anos, *Vivre trans* ou *Seronet* – se por acaso topasse com minha conversa com Eric Marty, como seria o sermão que ele me daria? Cabe a mim inventá-lo.

Meu trans imaginário diria algo como:

Nem Marty, nem você, nem mesmo Butler são trans. Vocês *falam* dos trans. Os trans são *objetos* de suas fofocas, como são há muito tempo *objetos* do discurso médico, do discurso psiquiátrico, do discurso psicanalítico. Bom, agora tudo isso acabou. Um deslocamento de forças de uma amplitude que vocês não imaginam, capaz de perturbar cultura e civilização, fez com que os trans *tomassem a palavra* – como no passado tomaram a Bastilha, dizia Michel de Certeau sobre maio de 68. Agora os trans falam dos trans, falam dos trans para os trans, falam dos trans para os não-trans, que por sua vez, têm muito a aprender e muito a se desculpar. Quem mais além de um trans está qualificado para falar de um trans?”

Ele ou ela continuaria: “Em detrimento do que um vão povo pensa e deseja, não voltaremos atrás. O Gênio não entrará na garrafa. É assim. No futuro vocês terão que contar conosco e com a *nossa fala*, com *nossa* sensibilidade, com *nossas* reivindicações e *nossas* esperanças, *nossos* sofrimentos, tal como os expressamos com *nossas* palavras e com com as de vocês, que entre nós, fedem a mofo. Não acreditam mais em vocês, vocês

estão perdidos, não têm mais credibilidade. Um banca o epistemólogo, Marty, professor de literatura, o outro se faz de clínico, Miller, *normalien*, *agrégé* de filosofia. Sua epistemologia, assim como sua clínica não passam de lixos de uma ideologia em desuso e desgastada, refletindo estruturas de dominação patriarcal e heterossexuais definitivamente caducas. Não somos mais prisioneiros, reféns impotentes de seu detestável “saber-poder”. Nossas palavras são se destinam a alimentar seus rodeios críticos. O que vocês chamam orgulhosos de sua “clínica” não passa de um “zoológico humano”, digno daqueles que, nos tempos das colônias, vocês exibiam, os infelizes, arrancados sem piedade de sua vida livre e selvagem, bem mais civilizada que a de vocês, para torná-los estrangeiros em seu próprio país, nativos, e finalmente animais de feira”.

Conclusão : “Vocês só têm uma coisa a fazer: se calar. E depois se arrepender. E então, quando pegarem jeito, irão para a escola dos trans, onde aprenderão enfim quem somos, algo de que não têm a menor ideia. Vocês aprenderão em que termos convém se endereçar a nós, e como nos escutar. Vocês perderão o hábito de falar em nosso lugar. E vão virar a língua sete vezes na boca antes de nos contradizer, pois quem sabe melhor do que nós o que vivemos experimentamos como trans?”

« *Eu desci bem?* »

« Eu desci bem? » A frase de Cécile Sorel, em uma noite dos anos 30, entrou em uso. Ela abandonava a Comédie-Française pelo Casino de Paris, e interpretava, pela primeira vez, a protagonista, quando interpelou Mistinguett, então estrela confirmada do music-hall, “as mais belas pernas do mundo”, que a observava enciumada no palco. Sorel acabara de descer com desenvoltura a grande escadaria Dorian do Casino, que, esclarece Google, “quebrou mais de um tornozelo e carreira de dançarina leve”.

E eu, fiz o trans sem distorcer, sem quebrar o tornozelo de dançarina leve? – pois é dançando que convém escrever, não é ? – como recomendava a partir de Nietzsche meu belo amigo Severo Sarduy, o queridinho cubano de François Wahl, editor de Lacan na Seuil, e que foi para mim, antes da dissolução da Escola Freudiana em 1981, um amigo fiel.

Se agora eu fosse Mistinguett e tivesse que avaliar o desempenho de Jam como ventríloquo de trans, não lhe daria uma nota assim tão boa. Um verdadeiro trans diria que as palavras psi “fedem a mofo”? Sim, é fato, muitos fedem. Onde o vento que fazia soprar Lacan sobre a psiquiatria e a psicanálise não varreu os miasmas, o cheiro não é bom, como

diziam Deleuze e Guattari de modo maldoso em relação ao consultório do analista. Mas é preciso estar familiarizado com os lugares como estou e como Guattari estava, para se permitir tais grosserias. Um verdadeiro trans não diria isso nesses termos, me parece. Ele seria mais polido.

Preciado entra em cena

Quero como prova apenas a altura da visão realçada de rigor – um rigor certamente um pouco rude para o meu gosto – com o qual Paul B. Preciado (*FtoM*) se dirigiu ao público reunido para as 49^{as} Jornadas de Estudos da Escola da Causa Freudiana. Ele fez esforços meritórios para nos reeducar e nos persuadir de que a psicanálise só tinha chance de sobreviver com a condição de tomá-lo e a seus amigos como guias, e abandonar sua reverência a um patriarcado morto e enterrado há muito tempo, sem que tivéssemos nos dado conta disso. Isto foi há pouco menos de dois anos. Preciado ficou tão satisfeito consigo, se não conosco, que logo transformou sua conferência em livro, com um título inspirado em Kafka: *Je suis un monstre qui vous parle. Rapport pour une académie de psychanalystes* [*Eu sou o monstro que lhes fala. Relatório para uma academia de psicanalistas*], livro colocado sob o patrocínio de Judith Butler, homenageada, e que foi acolhido por Olivier Nora, na prestigiosa editora Grasset, que ele dirige.

Certamente podemos censurar Preciado por ter ultrapassado o tempo combinado em comum acordo para sua conferência, em torno de meia-hora, o que abreviou a outra meia-hora destinada à conversação improvisada que deveria acontecer em seguida com dois analistas escolhidos pela Escola. O intercâmbio não durou mais do que oito minutos de relógio na mão. Contudo, durante esse breve momento que ele concedeu *in fine*, ele foi realmente encorajador para a profissão: “Penso que vocês poderão guardar seu lugar e o lugar que inventaram historicamente, na medida em que serão capazes de entrar em diálogo e de estar em relação com o presente, com a radicalidade política contemporânea”. Um convite cortez a um *aggiornamento*. A recompensa (a cenoura) depois da punição (o porrete). Penso como você : a profissão está sempre defasada.

Seu discurso do monstro, o porrete, você o leu. Arenga sonora, militante, veemente. Você nos falou como mestre, como imprecador, quase como um profeta.

Contudo, nosso colega Ansermet, um dos dois membros da ECF encarregados de debater contigo, psicanalista lacaniano, professor de psiquiatria pediátrica de diversos

departamentos e serviços universitários e hospitalares na Suíça, autor de diversas obras, e único membro estrangeiro do Comitê de Ética francês, soube acolher seu manifesto com cordialidade e imparcialidade: “Paul, obrigado. Entendemos que você tem algo a nos dizer primeiro!”

Que você tenha publicado em seguida a sua conferência, sem mencionar nada do intercâmbio conclusivo com Ansermet, que deixou a imprensa simpatizante apresentá-lo como um perseguido, um maldito, vaiado por um público de retardados furiosos, eu posso imaginar (sei bancar o suíço também, quando me convém, como Ansermet banca muito bem o francês quando quer). Você tem seu próprio público, e não deve confundi-los demais, contando-lhes que foi recebido por praticantes atentos e desprovidos de qualquer agressividade em relação a você. O público apreciou a sua boa vontade de aceitar nosso convite, e aplaudiu calorosamente a sua eloquência. Dois ou três gritos hostis foram ouvidos, é fato, enquanto sua plateia era de três mil e quinhentos. E não me diga que cada um puxa a sardinha para o seu lado: as Jornadas da Escola sempre são filmadas.

Portanto, você trapaceou, Preciado. Eu diria que é uma boa guerra, se estivéssemos em guerra. Mas, justamente, não estamos, mesmo que isto lhe servisse como uma luva, caso estivéssemos, não é mesmo? Por você precisa de um Bicho-papão para animar sua trupe de trans, que não é de modo algum a totalidade dos trans, mas a ala mais ativa de uma comunidade que ela cria justamente ao avançar em marcha forçada.

Também conheci esse tipo de esperanças. E eles não eram tão numerosos, os *barbudos*, quando fizeram cair o ditador Batista em Cuba, e instalaram no poder a família Castro, que ainda está lá, 1959-2021. Portanto, todas as esperanças são permitidas.

Uma demografia vertiginosa

Os trans, Preciado, você sabe, qualquer que seja o nome com o qual os chamemos, nós os encontramos com enorme frequência, como analistas e como psiquiatras, sobretudo agora que seu número não cessa de crescer, conforme a redação sacerdotal do Pentateuco: “Crescei e multiplicai-vos”, os verbos *parah* e *rabah* (Gênesis, I:28). Digo-lhe, de uma vez que deste ponto minha ciência é nova e me vem de um artigo recente da *Nouvelle Revue théologique*, devido ao padre Mauriche Gilbert, S. J., antigo reitor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

Ele destaca a esse respeito, que uma tradição rabínica pretende que as injunções do Gn, I: 28 se dirigem apenas aos homens, quer dizer, não se endereçam às mulheres. Como diabos queriam fazer para “multiplicar”? Não sei mais. Segredo guardado a sete chaves.

Uma homilia que não se sabe se é de Basílio ou de Gregório de Nissa, acrescenta ao binômio verbal uma terceira injunção: “E enchei a terra.” Não se pode dizer que os judeus tenham se beneficiado dessas recomendações. E mesmo se às vezes lhes atribuem a dominância pelo mundo, é apenas uma gota d’água; são apenas 14 milhões ao todo, quando os muçulmanos são 1,6 bilhão e em 2050 serão cerca de 3 bilhões, equiparando-se aos cristãos, que hoje são algo em torno de 2 bilhões. Ao mesmo tempo, os judeus terão crescido somente 2 milhões. Meus números datam de 2010, mas a fonte é confiável (*Pew Research Center*).

Um curioso entrecruzamento, teria dito Foucault. À medida que cede a demografia do pequeno “povo escolhido”, o “povo trans”, por sua vez, toma a dianteira, e parece pronta para “encher a terra”. Todos os indicadores vão na mesma direção: cada vez mais pessoas no mundo se sentem e se dizem trans. Na França, ainda não há estatísticas sobre. Contudo, em 2011 foram feitas estimativas que fornecem o número de 15000 pessoas se identificando como transgênero. Os EUA, em contrapartida, contam e computam. Daqui a cinco anos a população trans aumentaria para 1,4 milhões de adultos, ou seja, 0,6% da população adulta. Cinco anos antes, em 2011, esse percentual era de menos da metade, com 0,3% da população, ou seja, 700.000 pessoas (retomo as cifras tal como foram divulgadas em um artigo de 2016 do *New York Times*).

Para medir o que representa uma taxa de crescimento como essa, comparemos, por exemplo, com a população francesa. Sabendo que a taxa de crescimento é de 0,4%, a curva representando o logaritmo neperiano de 2 permite saber que na França, em taxa constante, a população levaria 173 anos para dobrar, enquanto a população trans americana, para a qual se dispõe de dados confiáveis e detalhados, dobraria em apenas cinco anos.

Disso decorre o sentimento difuso na opinião pouco esclarecida, de uma “invasão”, de uma “epidemia”, e a tese perniciosa recentemente difundida nas mídias francesas, por uma certa autoridade acadêmica burguesa, segundo a qual haveria transgêneros “demais”. Julgamento de valor biopolítico, formulado de maneira mordaz, desprovido de qualquer cientificidade e expressando um preconceito sob uma forma imprópria.

Deve-se, por isso, dar quitação à vanguarda trans, por seu discurso muitas vezes triunfalista? Ela dá a entender, parafraseando Aragon, que o trans seria o futuro do homem – e da mulher, e de cada um ou cada uma.

Nos dias atuais, é de bom grado descrito como um herói dos novos tempos, por haver derrubado o antigo patriarcado e seus odiosos estereótipos a fim de abrir para a humanidade o caminho radiante da autonomia do gênero. O não-trans, em contrapartida, aparece, por sua vez, como um trans envergonhado, inibido ou neurótico, denegando por covardia, estupidez e transfobia o *devoir-trans* que seria a vocação de todo ser humano. Surfando na euforia demográfica engendrada pelo crescimento exponencial do número de trans cuja realidade efetiva vimos acima, os dirigentes do movimento de emancipação trans têm agora a tendência a emitir enunciados que às vezes assumem o contorno do que se poderia qualificar de suprematismo trans.

Um senão

Digo a palavra que ferirá: *Schwärmerei*. O termo é kantiano. É intraduzível. Em francês, é resgatado com diferentes acepções: entusiasmo ou exaltação do espírito, fanatismo, divagação, extravagância, iluminismo. Desçamos novamente à terra. Talvez os dados a seguir sejam mais admissíveis pelos chefes trans quando emanam de um dos seus/suas e não por um(a) psiquiatra ou um(a) professor(a) de psicopatologia. Leiamos, por exemplo, o que escrevia Claire L. (*MtoF*) em seu blog do mobilisnoo.org em 2018: “Se sentimos necessidade de compatibilizar as pessoas trans, é sobretudo porque essa população tem claramente mais riscos de suicídio que o resto da população e que tratamentos médicos particulares e, em certos casos, cirúrgicos, são necessários”. Ela esclarece: “Comparativamente aos adultos cis gênero, os adultos transgênero são três vezes mais suscetíveis de já ter pensado em suicídio, e perto de seis vezes mais suscetíveis de já haver tentado se suicidar”. Finalmente, preocupada com a boa gestão de saúde pública, ela preconiza “avaliar com boa margem de manobra o número de pessoas envolvidas. Essa volumetria [permitiria] também adotar medidas administrativas adequadas para ter capacidade de gerir, em prazos razoáveis, as mudanças de estado civil necessárias a uma vida normal dos transgêneros”. Lembrete salutar de que nem tudo é cor-de-rosa no país dos trans, e que antes de ser militantes da causa trans, trata-se de pessoas mais frágeis do que outras, mais ameaçadas e que sofrem ainda mais.

A captura das histéricas

Os trans, como praticantes que procedem de Freud se recusariam a escutá-los, quando manifestam o desejo de fazê-lo, o que não é sempre verdade? É sobejamente conhecido que Freud, em seu tempo, soube escutar essas mulheres histéricas que os médicos mais atentos tomavam por simuladoras e atrizes. Charcot as exibia em seu serviço em La Salpêtrière. Freud foi testemunha disto, pois foi se formar junto a ele entre outubro de 1885 e fevereiro de 1886. Nessa pequena rua Le Goff, no Quartier Latin, onde Sartre, o Poulou de *As palavras*, devia passar sua infância até os doze anos, uma placa aposta no Hôtel du Brésil, lembra a estadia que ali fez o jovem bolsista austríaco.

De volta à casa, Freud não imitou Charcot, ele não abriu um teatro vienense da histeria. Essas mulheres – alguns homens também, não menos histéricos – ele os recebeu em seu pequeno consultório, que se tornou um lugar de memória, e se pôs a escutar uma por uma. O jovem André Breton, em 1921, quando chegou agitado ao encontro do descobridor do inconsciente, ficou terrivelmente decepcionado ao descobrir “uma casa de medíocre aparência”, paciente “do tipo mais vulgar”, e um praticante cuja modesta figura de “burguês pacato”, não tinha nada de dionisíaco (cf. Lacan, *Escritos*, p.648). Sejamus justo: trinta anos mais tarde, Breton renegou tristemente a narrativa que havia feito de sua visita, cuja cegueira colocou na conta de um “lamentável sacrifício ao espírito dada”.

Pois foi exatamente desse lugar desprezioso que devia partir um movimento que conquistou passo a passo o conjunto do Ocidente e perturbou de ponta a ponta os costumes de nossas sociedades. Foi como efeito da introdução de um personagem inédito na comédia humana, o psicanalista, exatamente ao contrário do “Mestre”, do qual a foto de Charcot dá uma representação caricatural – pensamos em um quadro do museu de Bouville em *A náusea* – o psicanalista e sua prática de escuta – que não tem nada de comum com a prática judiciária da confissão, nem com a confissão na prática religiosa, por mais que desagrade ao Foucault de *A vontade de saber* – se que deve o desaparecimento, da superfície do globo, dessas grandes “epidemias histéricas”, como chamavam os psiquiatras, que estiveram no centro da cena no século XIX. Uma dentre elas, em 1857, a famosa possessão demoníaca de Morzine, no pequeno lugarejo de Savoia, foi no passado objeto de uma tese no departamento de psicanálise que eu dirigia na Paris 8.

Contudo, não havia no tempo de Freud grupos militantes nem lobbies dedicados à emancipação das histéricas, a seu *empowerment*. Essas mulheres chegavam até ele, cada uma por seu próprio movimento, por conta própria, e ele as acolhia, uma por uma, cara a cara, depois inventou de colocá-las no divã. Não era exatamente um “De pé, ó vítimas da fome! De pé, famélicos da terra!” Nenhum dos fenômenos que caracterizam os grupos ou as massas, as “multidões” [foules], como dizia Gustave Le Bon, que acabara de interferir então. Isto não quer dizer, contudo, que Freud pensava que esses fenômenos saíam do campo que ele abriu. Ele os estruturou em termos metapsicológicos na sua *Massenpsychologie* de 1921 – que Lacan nos ensinou a ler em 1964, em seu *Seminário dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Mais tarde, a favor dos acontecimentos de maio de 1968, Lacan abriu um caminho novo com sua invenção do discurso do Mestre como o avesso da psicanálise, de onde vem sua ideia de que “o inconsciente, é a política”, fórmula bastante esclarecedora que foi pouco entendida.

Lacan faz o elogio de Freud, que soube se mostrar “dócil à histérica”. Também eu gostaria de poder felicitar o praticante de hoje por ter sabido se fazer “dócil ao trans”. Será que é o caso?

A seguir

Este artigo será publicado sozinho em *La Règle du jeu*. Além disso, ele abre uma edição de *Lacan Quotidien* de mais de 100 páginas, intitulado: « **2021 Ano Trans**. ». Este número excepcional, 928, estará o mais breve possível, disponível no site :

lacanquotidien.fr

Tradução: *Teresinha N. M. Prado*

